## Imagens do Instituto Moreira Salles usadas nesta edição

Sumário
Página 1
Cais Pharoux e adjacências, c.1880
Rio de Janeiro
Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

Entrevista
Páginas 2 a 5
Antigo Largo do Paço, 1905 – Rio de Janeiro
Augusto Malta/Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

Linha do Tempo
Páginas 6 e 7
Rua da Floresta com rua Catumbi, c.1862
Rio de Janeiro
Stahl & Wahnschaffe/Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

Linha do Tempo
Página 7
Bonde Tijuca, 1ª classe puxado a burro, 1908
Rio de Janeiro – RJ
Coleção Brascan – Cem anos no Brasil.

Linha do Tempo – Página 7
Vendedora de miudezas, c.1899
Rio de Janeiro
Augusto Stahl
Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

Linha do Tempo – Página 8
Jornaleiros, 1899 – Rio de Janeiro
Marc Ferrez
Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

Linha do Tempo – Página 9
Cesteiro, c.1899
Rio de Janeiro
Marc Ferrez
Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

"Este material é mais um instrumento de acesso aos escritos de Machado de Assis. No ano do centenário de sua morte, a homenagem que milhões de alunos prestam ao escritor é a leitura de sua obra, sejam alguns contos e crônicas de menor complexidade até outros textos que mais enredam com suas tramas e urdiduras."

**Fernando Haddad**
*Ministro da Educação*

"Trazer Machado de Assis para mais perto de professores e estudantes de escolas públicas brasileiras é oportunidade rara e que engrandece ainda mais a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*."

**Roberto Egydio Setubal**
*Presidente da Fundação Itaú Social*

Olimpíada de Língua Portuguesa
Escrevendo o Futuro

# Na Ponta do Lápis

ano IV – número 8
fevereiro de 2008
edição especial

**"É preciso ler isto, não com os olhos, mas com a memória e a imaginação."**
Machado de Assis

Futura – o conteúdo que você leva para a vida
UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
consed – Conselho Nacional de Secretarios de Educação
CENPEC
Itaú Social – Fundação Itaú Social
Plano de Desenvolvimento da Educação
FNDE
Ministério da Educação
Brasil – um país de todos – Governo Federal

**COORDENAÇÃO TÉCNICA**

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

**CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO**

**Coordenação**
Sônia Madi

**Consultoria**
Marisa Lajolo

**Texto e Edição**
Luiz Henrique Gurgel
Maria Aparecida Laginestra
Regina Andrade Clara

**Revisão**
Rosania Mazzuchelli
e Mineo Takatama

**Edição de Arte**
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

**Ilustrações**
Criss de Paulo

**Editoração**
AGWM Editora e Produções Editoriais

**Agradecimentos**
Domício Proença Filho
Eduardo de Assis Duarte
Hélio de Seixas Guimarães

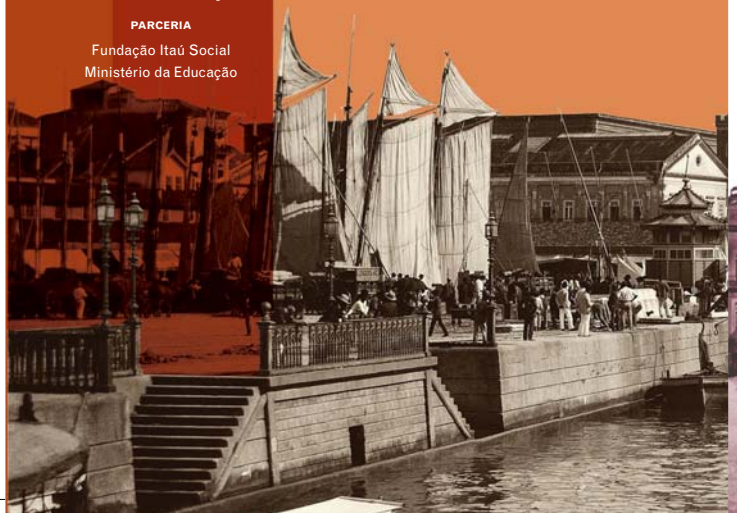
**Impressão**
Leograf Gráfica e Editora Ltda.

**Tiragem**
200.000 exemplares

**Contato com a redação**
Rua Dante Carraro, 68 – São Paulo/SP
CEP 05422-060
Telefone: 0800-7719310
**E-mail:** escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendofuturo.org.br

**PARCERIA**

Fundação Itaú Social
Ministério da Educação



Editorial

# "A um bruxo com amor"

A primeira edição da revista *Na Ponta do Lápis*, em 2008, é duplamente especial. A partir de agora ela passa a ser uma publicação da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, um projeto do Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Cenpec. Como uma das ferramentas de comunicação com educadores que participarão da Olimpíada, ela continuará a trazer informações, orientações e sugestões sobre o trabalho com a nossa língua em sala de aula.

O outro motivo que torna esta edição ainda mais especial é que é totalmente dedicada a um dos maiores escritores da língua portuguesa: Machado de Assis. O ano do centenário da morte do escritor, 2008, é, portanto, muito propício para a realização de uma ação como a Olimpíada.

Mas só a reverência não basta. A melhor maneira de saudar Machado é aproximar os estudantes brasileiros de suas obras; oferecer a eles o prazer que sua leitura proporciona por meio das sutilezas e da ironia de suas tramas.

Não foi à toa que consagraram a Machado o epíteto "bruxo do Cosme Velho", uma alusão à rua onde morou, no Rio de Janeiro. Apesar do uso freqüente da expressão — o que provavelmente desagradaria a Machado —, a imagem é apropriada para se referir a alguém que, como poucos, percebeu, revirou e descreveu a alma e a a condição de cuidar, depois da sua morte, do seu cachorro, que também se chama Quincas Borba. Ou o suposto adultério de *Dom Casmurro*, em que o narrador Bentinho relata minuciosamente todos os passos que comprovam a traição de sua mulher, Capitu, com seu melhor amigo, Escobar, apelando para os leitores como jurados da sua "tragédia matrimonial", que até hoje é mistério para se desvendar.

Aqui e ali o que espanta e inquieta o leitor é o jogo das aparências, o patológico como modelo da normalidade, os limites entre a razão e a loucura, as cavernas mais escusas e mesquinhas da natureza humana, a implacável extinção do fraco pelo forte com rasgos de filosofia e ironia mordaz, o conflito da identidade, como é o caso de um certo moço, no conto "O espelho", que só consegue se ver projetado no espelho quando está vestido com a farda militar, ou da "flor ressequida" do conto "Flor anônima", que aparece nos guardados da personagem Martinha como imagem tocável da sua solidão. Tudo isso tratado sem pressa, sem disposição cronológica dos fatos, começando do fim para o começo, fragmentando o encadeamento linear da narrativa, com atenção a detalhes ou coisas miúdas aparentemente desnecessárias para a composição factual do enredo, mas inestimáveis para a revelação dos caracteres das personagens que interessam muito mais do que a história que o narrador se propõe a contar.

Pode ser que sim, pode ser que não, mas é difícil demais não gostar de Machado de Assis que – por detrás daquele pessimismo corrosivo que desacredita no universo das relações humanas e perpassa toda a sua arte literária – talvez desvele um mundo melhor.

Mário de Andrade, sempre atento às relações entre realidade e ficção, questionou, meio que respondendo, se era possível amar Machado de Assis com palavras em tom de confissão:

"*Tenho pelo gênio dele uma enorme admiração, pela obra dele um fervoroso culto, mas... Eu pergunto, leitor, pra que respondas ao segredo da tua consciência: amas Machado de Assis?... E esta inquietação me melancoliza.*"

Carlos Drummond de Andrade não teve dúvida quanto à certeza de amar Machado de Assis num poema que logo se confessa na "pureza transparente" do título – "A um bruxo, com amor":

".....
Contas a meia voz
maneiras de amar e de compor ministérios
e deitá-los abaixo, entre malinas
e bruxelas.
.....
Que crime cometemos além de viver
e porventura o de amar
não se sabe a quem, mas amar?

Todos os cemitérios se parecem,
e não pousas em nenhum deles, mas onde a dúvida
apalpa o mármore da verdade, a descobrir
a fenda necessária;
onde o diabo joga dama com o destino,
estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro,
que revolves em mim tantos enigmas."

"A um bruxo com amor", in: Carlos Drummond de Andrade. *A vida passada a limpo*, Record. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <www.carlosdrummond.com.br>.

Por essas e por outras, tomara que aqueles que pouco ou nada conhecem da obra gostem e amem Machado de Assis que, mesmo se sabendo querido pelos leitores no centenário da sua morte, por casmurrice diante das homenagens ou puríssima timidez, nem sequer se pronuncie com um "Muito prazer, Machado de Assis".

Conto
Páginas 10 a 13
Paisagem da ilha de Paquetá, c.1885
Rio de Janeiro – RJ
Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

Crônica
Páginas 14 e 15
Largo do Paço, visto do Morro do Castelo, c.1865
Rio de Janeiro – RJ
Stahl & Wahnschaffe/Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

Óculos de leitura
Páginas 16 e 17
Quartel Central do Corpo de Bombeiros
Campo de Santana, c.1890 – Rio de Janeiro
Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

Óculos de leitura
Páginas 18 e 19
Avenida Central, c.1907
Rio de Janeiro
Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles.

Personagens
Páginas 9 e 21
Largo de São Francisco de Paula, c.1895
Rio de Janeiro – RJ
Marc Ferrez/Coleção Gilberto Ferrez
Acervo Instituto Moreira Salles

Capa e 4ª capa
Vista aérea do Rio – ainda sem o bondinho
vemos o Pão de Açúcar, 1906 – Rio de Janeiro
Augusto Malta/Coleção Brascan Cem anos no Brasil
Acervo Instituto Moreira Salles.

Entrevista

*Na Ponta do Lápis* ouviu três estudiosos da obra do escritor carioca. A singularidade da sua produção e o interesse que ainda hoje desperta nos leitores continuam a suscitar estudos, interpretações e análises. Seu processo de criação e o espantoso domínio sobre a narrativa, além de sua condição de mulato numa sociedade escravocrata, são algumas das questões que continuam inquietando pesquisadores no Brasil e no mundo.

# A obra, o escritor e seus leitores

## Leitores de ontem e de hoje

Hélio de Seixas Guimarães

**Em seu livro *Os leitores de Machado de Assis*, um velho problema de nosso país – a leitura – é abordado. Como avalia essa questão?**
Esse é um problema crônico no Brasil. Enquanto Machado produzia sua obra descobriu-se que mais de 80% da população brasileira era analfabeta. O interessante é que ele soube encarar de frente a carência e o despreparo dos leitores brasileiros, fazendo uma literatura que convida à reflexão sobre as condições difíceis da produção e difusão da literatura no Brasil. Nesse sentido, lê-lo hoje pode nos ajudar a construir uma perspectiva histórica para a questão da leitura, que permanece como problema.

**Machado transitou pelos principais meios de difusão da literatura em sua época – jornais, revistas, editoras – e soube adequar sua escrita aos diversos veículos e aos diversos públicos. Em sua opinião, a que se deve esse domínio sobre a escrita?**
O conhecimento e a sensibilidade que ele tinha para os leitores dos jornais e revistas em que publicou está associado, a meu ver, ao fato de seus narradores estarem sempre se dirigindo ao leitor, seja para adulá-lo ou para questionar e até afrontar seus gostos, hábitos, crenças, preconceitos. Isso faz parte do seu imenso domínio sobre a escrita. Vale lembrar também que Machado foi um grande leitor, com um repertório de leitura que ia dos clássicos da antiguidade aos contemporâneos franceses, ingleses, russos etc. E, claro, esse domínio também tem a ver com um talento raro.

**Como estudioso de Machado, que recomendações daria aos professores que desejam apresentar a obra do escritor aos jovens leitores?**
Sugiro que procurem aproximar os alunos dos textos de Machado, deixando um pouco de lado os mitos criados em torno do escritor. Talvez seja bom começar lendo textos menos canônicos, que podem intimidar o leitor iniciante, e apresentar textos mais curtos e menos conhecidos, como crônicas e contos. Também vale lembrar que há muitas "pontes" entre o mundo de Machado de Assis e o nosso. Vivemos num mundo marcado pela superficialidade, pelo culto à imagem, pela supremacia do dinheiro, pela superexploração do outro, que Machado viu surgir e criticou tão bem.

Aline Cortes

**Hélio de Seixas Guimarães** é professor de literatura brasileira na USP. Mestre e doutor em teoria e história literária pela Unicamp, é autor de *Os leitores e Machado de Assis – O romance machadiano e o público de literatura no século 19* (Nankin/Edusp, 2004) e *Figuras de linguagem – Teoria e prática* (Atual, 1988).

# O escritor afro-descendente

Eduardo de Assis Duarte

**Sua pesquisa entende a literatura como algo não isolado da sociedade, da história e do povo. Qual o sentido social da literatura?**

De fato, não creio ser possível mais pensar a literatura dentro dos velhos esquemas formalistas, como algo fechado na torre de marfim da beleza pura e eterna, que se basta a si mesma. Nem a arte nem o artista podem ser vistos como essências metafísicas desvinculadas da sociedade e da história. E me refiro tanto ao processo histórico-social propriamente dito quanto ao desenvolvimento das formas artísticas em si mesmas, com suas rupturas e retomadas, criando um devir específico às formações e conceitos estéticos. A literatura não pretende salvar o mundo ou as pessoas; tal função cabe mais aos discursos mítico e religioso. Mas o bom texto, seja poesia, prosa ou escrito dramático destinado à encenação, de uma forma ou de outra leva o leitor a refletir sobre si mesmo e sobre o mundo em que vive. E esse é precisamente o caso de Machado.

**O que significa dizer que Machado de Assis é "clássico da literatura brasileira e da literatura negra"?**

A afirmação é de Octavio Ianni e pressupõe a compreensão da literatura negra – ou afro-brasileira – como um discurso que está ao mesmo tempo *dentro* e *fora* da literatura brasileira. Está dentro tanto por usar a mesma língua, e, em geral, as mesmas formas e procedimentos da literatura conhecida entre nós como também por ser fruto do trabalho de escritores brasileiros. E está fora por comportar uma visão de mundo distinta, identificada ao existir negro num país de racismo disfarçado e até "cordial" como o nosso. Machado é clássico tanto de uma como de outra. É referência para qualquer ficcionista, brasileiro ou não, que busque incorporar um repertório de tratamentos e soluções, muitas vezes geniais; e é referência para os autores afro-descendentes pelo modo inteligente com que aborda o drama dos negros e demais subalternos: dissimulado e sutil, contundente quando necessário, mas sem cair jamais na retórica de comício.

**Machado escreveu várias crônicas sobre a escravidão e os dramas sociais de seu tempo, escondendo-se atrás de mais de dez pseudônimos. Em sua opinião, qual era a verdadeira posição do escritor sobre a questão do negro?**

Ele era pela abolição, evidentemente. Condena a escravidão desde as primeiras crônicas, muito antes de Nabuco escrever *O abolicionismo*, em 1882, o que pode ser comprovado pela antologia que organizamos. Quando preparava seu primeiro romance, em 1871, aprovou-se a Lei do Ventre Livre. A partir desse momento ele parece convencido de que a escravidão estava com seus dias contados. E toda a sua obra romanesca, de uma forma ou de outra, aponta para o fim daquela sociedade baseada no escravismo. Basta atentar para o tema da "morte do senhor", presente em diversas narrativas. Machado representa sob as formas mais diversas a decadência do patriarcado oriundo da colônia: ora mata os senhores ao longo dos enredos, ora já os elimina antes mesmo do início, compondo um universo de viúvas e herdeiros que não conseguem reconstituir o antigo poder do senhor de escravos.

Isabel Chumbinho

**Eduardo de Assis Duarte** é doutor em letras pela USP e professor de literatura da Faculdade de Letras da UFMG, onde coordena o Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA. É autor de *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo*. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, Pallas; Belo Horizonte, Crisálida, 2007.

# Construtor genial de personagens e situações

Domício Proença Filho

**Após cem anos da morte de Machado de Assis ainda constatamos a atualidade de sua obra. A que se deve essa permanência da ficção de Machado na literatura brasileira?**

Entendo que a ficção de Machado de Assis garante sua permanência e atualidade na medida em que, em textos altamente multissignificativos, evidencia certas características do nosso psiquismo que nos aproximam como seres humanos, ao longo do tempo. Nessa direção, seus romances e seus contos abrigam uma temática que envolve, entre outros destaques, o amor, o ciúme, a morte, a afirmação pessoal, o jogo da verdade e da mentira, a cobiça, a vaidade, a relação entre o ser e o parecer, a ditadura da aparência, as oscilações entre o bem e o mal, o conflito entre o absoluto e o relativo. Tudo em uma linguagem cuidadosamente trabalhada e temperada pelo humor e pela ironia. O leitor sempre acaba descobrindo, em suas histórias, alguma coisa que lhe diz respeito.

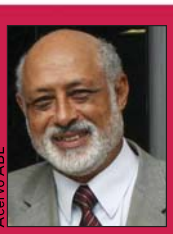
**Estudiosos apontam o escritor como um arquiteto de personalidades. O que há de especial na forma como ele constrói seus personagens?**

Os personagens machadianos são rigorosamente construídos na linguagem dos romances ou dos contos. Mediatizados por um narrador onisciente, mas, especialmente, numa antecipação do texto ficcional moderno, com a história assumida por um narrador-personagem em primeira pessoa, num processo de construção que acompanha o fluxo da trama. E mais: eles não são, como tantos outros que freqüentam obras de seu tempo, marcados pela distorção ou pela condição marginal. Machado os retrata como seres humanos comuns, comandados inexoravelmente pelo destino, o grande contra-regra. No fundo, gente, cujas angústias existenciais se atenuam diante do distanciamento assumido pelo narrador que assegura, por meio do humor, um constante amortecimento da tensão. Um exemplo: a história de Bentinho e Capitu, no *Dom Casmurro,* a fratura do resgate presente em *Memórias póstumas de Brás Cubas.* Mas a resposta plena exige um ensaio...

**O que pode significar a obra de Machado de Assis para o jovem do século 21? Existe um perfil desse leitor?**

A obra ficcional de Machado de Assis não é um espelho explícito do Brasil em que o autor vive: é fruto do que ele pensa sobre a realidade e não do que ele observa nessa realidade. E a matéria dessa reflexão integra, unitariamente presente, passado e futuro. Assim, cada novo leitor, armado de seu repertório cultural, pode ser capaz de identificar, na dimensão escondida nas histórias que conta, emoções coincidentes com as que povoam o seu universo psicológico. Um exemplo mobilizador: a história de Bentinho e Capitu, contada em *Dom Casmurro.* Uma história de amor, uma família de classe média, outra de classe alta, no Rio de Janeiro do século 19, sua ética, seus valores, seu envolvimento. Mas onde o leitor jovem da atualidade vai identificar percursos e vicissitudes do envolvimento amoroso, adolescente e adulto, marcado de artimanhas, fraturado pelo ciúme doentio, triângulo amoroso, adultério, dúvida, ressentimento, dissimulação, erotismo e por aí vai.

Claro está que a leitura de Machado pressupõe, em termos de perfil, um jovem leitor no mínimo adolescente e alfabetizado, com uma razoável capacidade de organização coerente do pensamento.



Acervo ABL

Domício Proença Filho é professor titular e emérito da Universidade Federal Fluminense, livre-docente e doutor em letras. É ficcionista, poeta, crítico literário e promotor cultural. Tem 50 livros publicados, entre eles: *Capitu – Memórias póstumas*; e *Breves estórias de Vera Cruz das Almas*.

# Dona Carolina

Jorge Miguel Marinho

> "Depois... depois, querida, queimaremos o mundo, porque só é verdadeiramente senhor do mundo quem está acima das suas glórias fofas e das suas ambições estéreis. Estamos ambos neste caso; amamo-nos; e eu vivo e morro por ti."

Estas palavras, com um tom de herói romântico, são de Machado de Assis e fazem parte de uma carta íntima. Uma carta escrita para sua futura companheira, Carolina Augusta Xavier de Novais, para nós e para quem teve o privilégio de conviver com ela, simplesmente Dona Carolina.

Nascida em Portugal, culta e solícita, veio para o Brasil cuidar do irmão, o poeta Faustino Xavier de Novais, e foi numa visita de Machado ao amigo doente que os dois apenas deixaram o amor acontecer.

Foi amor à primeira vista e, esquecendo um pouco o ceticismo de Machado, esse amor se eternizou pelo tempo da sua duração: foram trinta e cinco anos de terna e eterna convivência, como se Dona Carolina viesse de Portugal para a enseada mais amorosa de Machado e Machado estivesse predestinado a escrever as suas melhores palavras, primeiro, para os olhos sensíveis, críticos e cuidadosos de sua mulher.

Ela cuidou dele e construiu para ele um universo caseiro que se tornou para Machado de Assis a sua mais segura moradia interior.

Costurava suas roupas pondo esmero na rotina. Fazia o seu prato fatiando as carnes e os peixes, sendo também a senhora da sua alimentação. Cuidava da saúde sempre frágil do marido com discreta prontidão. Havia um código entre eles e, ao menor sinal de um ataque epilético, ela protegia o marido dos olhares dos outros nos retiros mais íntimos de um casal. Dizem que era precavida a ponto de trazer rolhas nos bolsos do avental para atenuar a violência das imprevisíveis convulsões.

Todas as manhãs lia os escritos do marido com a fidelidade e a exigência da sua leitora maior. Passava a limpo os originais trocando uma palavra por outra, fazendo sugestões. Era versada em gramática, conhecia muito bem os clássicos portugueses e outras literaturas e, lá na sua terra, havia convivido com Camilo Castelo Branco e outros escritores e intelectuais.

Machado abria os braços para tudo o que viesse dela e oferecia o seu maior abraço vindo espontâneo da sua mais correta timidez.

Não é difícil imaginar os dois sentados numa cadeira de balanço dupla, um ao lado do outro, de mãos dadas, vivendo o silêncio das lembranças que vão e vêm. Lá em Petrópolis, ela copiando trechos de *Memórias póstumas de Brás Cubas* ditados por Machado, que não estava nada bem da vista. Os filhos que não tiveram, os problemas econômicos no início do casamento, a cadelinha chamada Graziela, o jogo de xadrez. E lá no passado mais remoto a família contra o casamento dela com um mulato, de origem humilde, e ela, decidida, apenas anunciando a comunhão:

"Não peço licença, apenas comunico que vou me casar!"

Quatro anos antes da morte de Machado, contra a vontade de Dona Carolina, que queria cuidar do marido até o fim, ela "se foi". Digamos que para ele provisoriamente, como escreveu ao amigo Joaquim Nabuco numa carta que, aqui e ali, se confessa assim:

"Foi-se a melhor parte da minha vida. [...] Tudo me lembra a minha meiga Carolina. [...] Irei vê-la, ela me esperará."

---

O escritor Jorge Miguel Marinho é professor de literatura, ator e roterista. Entre as obras publicadas estão *Te dou a lua amanhã*, prêmio Jabuti; *Na curva das emoções*, prêmio APCA; *O cavaleiro da tristíssima figura*, prêmio HQMIX, *Lis no peito*, prêmio Jabuti.

Linha do Tempo

# O século de Machado de Assis

A época em que viveu o escritor foi das mais importantes e movimentadas da história do Brasil. Machado passou toda a vida no Rio de Janeiro, trabalhou como jornalista e ocupou cargos públicos importantes, convivendo com personalidades da segunda metade do século 19.

Reprodução

## 1808

- Chegada da Família Real.
- Fundação da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (13/5/1808).
- Circulação do primeiro número do jornal *Correio Braziliense* (1º/6/1808).

## 1811

- Inauguração da Biblioteca Nacional (13/5/1811).
- Circulação do primeiro número de *O Patriota*, primeira revista brasileira.

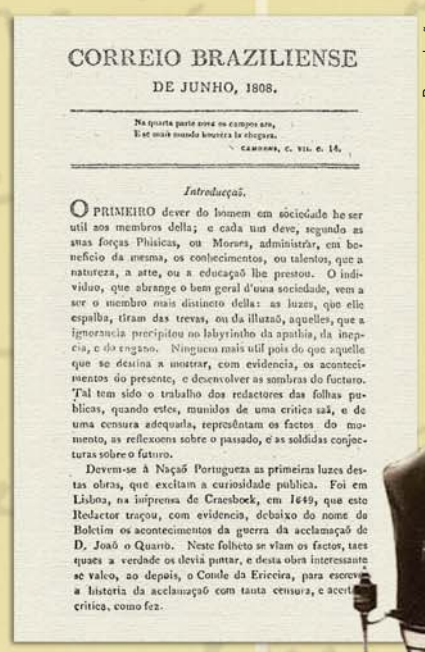
Reprodução

## 1822

- Proclamação da Independência (7/9/1822).

## 1839

- Nascimento de Joaquim Maria Machado de Assis (21/6/1839), no Morro do Livramento, Rio de Janeiro.



CORREIO BRAZILIENSE

DE JUNHO, 1808.

Na quarta parte nova os campos arm,
E se mais mundo houvera lá chegara.
CAMÕENS, C. VII. E. 14.

*Introducção.*

O PRIMEIRO dever do homem em sociedade he ser util aos membros della; e cada um deve, segundo as suas forças Phisicas, ou Moraes, administrar, em beneficio da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou. O individuo, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distincto della: as luzes, que elle espalha, tiram das trevas, ou da illuzão, aquelles, que a ignorancia precipitou no labyrintho da apathia, da inepcia, e do engano. Ninguem mais util pois do que aquelle que se destina a mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica saã, e de uma censura adequada, representam os factos do momento, as reflexoens sobre o passado, e as soldidas conjecturas sobre o futuro.

Devem-se à Naçaõ Portugueza as primeiras luzes destas obras, que excitam a curiosidade publica. Foi em Lisboa, na imprensa de Craesbeck, em 1649, que este Redactor traçou, com evidencia, debaixo do nome de Boletim os acontecimentos da guerra da acclamaçaõ de D. Joaõ o Quarto. Neste folheto se viam os factos, taes quaes a verdade os devia pintar, e desta obra interessante se valeo, ao depois, o Conde da Ericeira, para escrever a historia da acclamaçaõ com tanta censura, e acerto critico, como fez.

Reprodução

Reprodução

IMS

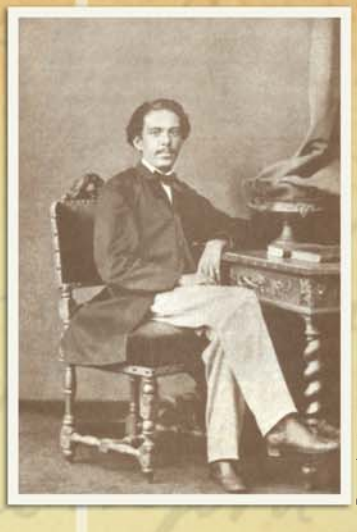
## 1855

- Publicação do poema "Ela" – estréia de Machado de Assis na imprensa (12/1/1855).

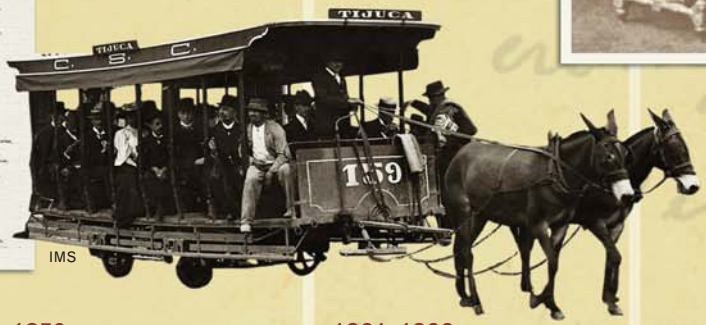
## 1858

- Trabalha como revisor de provas de Francisco de Paula Brito, editor do jornal *A Marmota Fluminense* (1/1/1858).

Reprodução



Reprodução




IMS

*[...]*
*Seus olhos que brilham tanto*
*Que prende tão doce encanto*
*que prende um casto amor*
*Onde com rara beleza,*
*Se esmerou a natureza*
*Com meiguise com primor*
*[...]*

## 1859

- A Companhia Carris de Ferro realizou a primeira viagem experimental da linha de bonde de tração animal da cidade e do país.

## 1861-1866

- Machado de Assis publica: *Quedas que as mulheres têm para os tolos*; *Desencantos*; *Crisálidas*; *Quase ministro*; *Os deuses de casaca*.

## 1867

- Nomeação de Machado para um cargo público – ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial* (12/4/1867).

## 1872 a 1878

- Nesse período, Machado publica: *Ressurreição*; *Histórias da meia-noite*; *A mão e a luva*; *Americanas*; *Helena*; *Iaiá Garcia*.

*Mina Carola*
*(...) Dizes que, quando lês algum livro, ouves unicamente as minhas palavras, e que eu te apareço em tudo e em toda a parte? É então certo que eu ocupo o teu pensamento e a tua vida? Já mo disseste tanta vez, e eu sempre a perguntar-te a mesma cousa, tamanha me parece esta felicidade. Pois, olha; eu queria que lesses um livro que eu acabei de ler há dias; intitula-se: A Família. Hei de comprar um exemplar para lermos em nossa casa como uma espécie de Bíblia Sagrada. É um livro sério, elevado e profundo; a simples leitura dá vontade de casar. Faltem quatro dias; daqui a quatro dias terás lá a melhor carta que eu te poderei mandar, que é a minha própria pessoa, e ao mesmo tempo lerei o melhor. [...]*

- Trecho da carta de Machado de Assis à noiva Carolina Augusta Xavier de Novais.

Reprodução

IMS

## 1869

- Seu casamento com Carolina Augusta Xavier de Novais (12/11/1869).
- Machado de Assis publica: *Contos Fluminenses*; *Falenas* (dezembro/1869).

IMS

Reprodução

## 1879
- Início da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em *Revista Brasileira*.

## 1881
- Lançamento do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Biblioteca Nacional

## 1882 a 1884
- Machado publica *Papéis avulsos*; *Tu, só tu, puro amor*; *Histórias sem data*.

## 1888
- Lei Áurea: Abolição da Escravatura (13/5/1888).
- Machado de Assis desfila no préstito organizado para celebrar a abolição (20/5/1888).

Reprodução

Reprodução

## 1889
- Proclamação da República (15/11/1889).

## 1896
- Machado de Assis lança o livro *Várias Histórias*.

Reprodução

## 1897
- É instalada a Academia Brasileira de Letras (20/6/1897).

## 1892
- Surgem as primeiras bancas e os primeiros jornaleiros no Rio de Janeiro.

IMS

Reprodução

*O Paiz*, Rio de Janeiro, 18 de março de 1900

*A Casa Garnier acaba de publicar mais um livro inédito do Machado de Assis; é um romance; intitula-se Dom Casmurro. [...] O livro é menos amargo que o immortal Brás Cubas, mas está escripto no mesmo gênero, em pequeninos capítulos, cada um dos quaes é por si só uma pagina literária de primeira ordem, impregnada dessa deliciosa ironia em que muitos encontram o maior attractivo dos escritos do mestre. [...]*

## 1899 a 1901

- *Dom Casmurro*; *Páginas recolhidas*; *Poesias completas.*

Reprodução

## 1901

Reunião de intelectuais no Hotel Rio Branco, Rio de Janeiro.

## 1904

- Machado de Assis publica o livro *Esaú e Jacó*.

CAROLINA (Machado de Assis)

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
e num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

- Falecimento de Carolina Xavier de Novais (20/10/1904).

## 1906

- Lança a coletânea *Relíquias de Casa velha*.

Reprodução

## 1908

- Nascimento de Guimarães Rosa.

IMS

- Em julho de 1908 publica a obra *Memorial de Aires.*

*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1908

Semana literária
(...) Temos deante de nós o *Memorial de Ayres*. Lemol-o e relemol-o com prazer crescente, saboreando demoradamente o fino gozo determinado pela verdade e pelo imprevisto da sua observação, pela delicia da sua simplicidade, pelo vigor admiravel da sua phrase.
*Memorial de Ayres* é um livro triste, sem ser piegas; é um livro empolgante, que devera ser enfadonho. O registro, na apparencia insignificante, das magoas de alguns velhos, urdidas pelas desillusões da vida, frechando cruel e friamente sobre a requintada sensibilidade de almas tão simples e tão boas, que chegam aparecer arrancadas a época remotíssima. (...)

- Falecimento de Machado de Assis (20/9/1908).

IMS

# Flor anônima

Machado de Assis

MANHÃ CLARA. A alma de Martinha é que acordou escura. Tinha ido na véspera a um casamento; e, ao tornar para casa, com a tia que mora com ela, não podia encobrir a tristeza que lhe dera a alegria dos outros e particularmente dos noivos.

Martinha ia nos seus... Nascera há muitos anos. Toda a gente que estava em casa, quando ela nasceu, anunciou que seria a felicidade da família. O pai não cabia em si de contente.

— Há de ser linda!

— Há de ser boa!

— Há de ser condessa!

— Há de ser rainha!

Essas e outras profecias iam ocorrendo aos parentes e amigos da casa.

Lá vão... Aqui pega a alma escura de Martinha. Lá vão quarenta e três anos — ou quarenta e cinco, segundo a tia; Martinha, porém, afirma que são quarenta e três. Adotemos este número. Para ti, moça de vinte anos, a diferença é nada; mas deixa-te ir aos quarenta, nas mesmas circunstâncias que ela, e verás se não te cerceias uns dous anos. E depois nada obsta que marches um pouco para trás. Quarenta e três, quarenta e dous, fazem tão pouca diferença...

Naturalmente a leitora espera que o marido de Martinha apareça, depois de ter lido os jornais ou enxugado do banho. Mas é que não há marido, nem nada. Martinha é solteira, e daí vem a alma escura desta bela manhã clara e fresca, posterior à noite de bodas.

Só, tão só, provavelmente só até a morte; e Martinha morrerá tarde, porque é robusta como um trabalhador e sã como um pero. Não teve mais que a tia velha. Pai e mãe morreram, e cedo.

A culpa dessa solidão a quem pertence? ao destino ou a ela? Martinha crê, às vezes, que ao destino; às vezes, acusa-se a si própria. Nós podemos descobrir a verdade, indo com ela abrir a gaveta, a caixa, e na caixa a bolsa de veludo verde e velha, em que estão guardadas todas as suas lembranças amorosas. Agora que assistira ao casamento da outra, teve idéia de inventariar o passado. Contudo hesitou:

— Não, para que ver isto? É pior: deixemos recordações aborrecidas.

Mas o gosto de remoçar levou-a a abrir a gaveta, a caixa, e a bolsa; pegou da bolsa, e foi sentar-se ao pé da cama.

Há que anos não via aqueles despojos da mocidade! Pegou-lhes comovida, e entrou a revê-los.

De quem é esta carta? pensou ela ao ver a primeira. Teu Juca. Que Juca? Ah! o filho do Brito Brandão. "Crê que o meu amor será eterno!". E casou pouco depois com aquela moça da Lapa. Eu era capaz de pôr a mão no fogo por ele. Foi no baile do *Club Fluminense* que o encontrei pela primeira vez. Que bonito moço! Alto, bigode fino, e uns olhos como nunca mais achei outros. Dançamos essa noite não sei quantas vezes. Depois começou a passar todas as tardes pela Rua dos Inválidos, até que nos foi apresentado. Poucas visitas, a princípio, depois mais e mais. Que tempo durou? Não me lembra; seis meses, nem tanto. Um dia começou a fugir, a fugir, até que de todo desapareceu. Não se demorou o casamento com a outra... "Crê que o meu amor será eterno!"

Martinha leu a carta toda e pô-la de lado.

— Qual! é impossível que a outra tenha sido feliz. Homens daqueles só fazem desgraçadas...

Outra carta. Gonçalves era o nome deste. Um Gonçalves louro, que chegou de S. Paulo, bacharelado de fresco, e fez tontear muita moça. O papel estava encardido e feio, como provavelmente estaria o autor. Outra carta, outras cartas. Martinha relia a maior parte delas. Não eram muitos os namorados; mas cada um deles deixara meia dúzia pelo menos, de lindas epístolas.

"Tudo perdido", pensava ela.

E, uma palavra daqui, outra dali, fazia recordar tantos episódios deslembrados... "desde domingo (dizia um) que não me esquece o caso da bengala". Que bengala? Martinha não atinou logo. Que bengala podia ser que fizesse ao autor da carta (um moço que principiava a negociar, e era agora abastado e comendador) não poder esquecê-la desde domingo?

Afinal deu com o que era; foi uma noite, ao sair da casa dela, que indo procurar a bengala, não a achou, porque uma criança de casa a levara para dentro; ela é que lha entregara à porta, e então trocaram um beijo...

Martinha ao lembrá-lo estremeceu. Mas refletindo que tudo agora estava esquecido, o domingo, a bengala e o beijo (o comendador tem agora três filhos), passou depressa a outras cartas.

Concluiu o inventário. Depois, acudindo-lhe que cada uma das cartas tivera resposta, perguntou a si mesma onde andariam as suas letras.

Perdidas, todas perdidas; rasgadas nas vésperas do casamento de cada um dos namorados, ou então varridas com o cisco, entre contas de alfaiates...

Abanou a cabeça para sacudir tão tristes idéias. Pobre Martinha! Teve ímpetos de rasgar todas aquelas velhas epístolas; mas sentia que era como se rasgasse uma parte da vida de si mesma, e recolheu-as.

Não haveria mais alguma na bolsa?

Meteu os olhos pela bolsa, não havia carta; havia apenas uma flor seca.

— Que flor é esta?

Descolorida, ressequida, a flor parecia trazer em si um bom par de dúzias de anos. Martinha não distinguia que espécie de flor era; mas fosse qual fosse, o principal era a história. Quem lha deu?

Provavelmente alguns dos autores das cartas, mas qual deles? e como? e quando?

A flor estava tão velha que se desfazia se não houvesse cuidado em lhe tocar.

Pobre flor anônima! Vejam a vantagem de escrever. O escrito traz a assinatura dos amores, dos ciúmes, das esperanças e das lágrimas. A flor não trazia data nem nome. Era uma testemunha que emudeceu. Os próprios sepulcros conservam o nome do pó guardado. Pobre flor anônima!

— Mas que flor é esta? repetiu Martinha.

Aos quarenta e cinco anos não admira que a gente esqueça uma flor. Martinha mirou-a, remirou-a, fechou os olhos a ver se atinava com a origem daquele despojo mudo.

Na história dos seus amores escritos não achou semelhante prenda; mas quem podia afirmar que não fosse dada de passagem, sem nenhum episódio importante a que se ligasse?

Martinha guardou as cartas para colocar a flor por cima, e impedir que o peso a desfibrasse mais depressa, quando uma recordação a assaltou:

— Há de ser... é... parece que é... É isso mesmo.

Lembrara-se do primeiro namorado que tivera, um bom rapaz de vinte e três anos; contava ela então dezenove. Era primo de umas amigas. Julião nunca lhe escrevera cartas. Um dia, depois de muita familiaridade com ela, por causa das primas, entrou a amá-la, a não pensar em outra cousa, e não o pôde encobrir, ao menos da própria Martinha. Esta dava-lhe alguns olhares, mais ou menos longos e risonhos; mas em verdade, não parecia aceitá-lo. Julião teimava, esperava, suspirava. Fazia verdadeiros sacrifícios, ia a toda parte onde presumia encontrá-la, gastava horas, perdia sonos. Tinha um emprego público e era hábil; com certeza subiria na escala administrativa, se pudesse cuidar somente dos seus deveres; mas o demônio da moça interpunha-se entre ele e os regulamentos. Esquecia-se, faltava à repartição, não tinha zelo nem estímulo. Ela era tudo para ele, e ele nada para ela. Nada; uma distração quando muito.

Um dia falara-se em não sei que flor bonita e rara no Rio de Janeiro. Alguém sabia de uma chácara onde a flor podia ser encontrada, quando a árvore a produzisse; mas, por enquanto, não produzia nada. Não havia outra, Martinha contava então vinte e um anos, e ia no dia seguinte ao baile do *Club Fluminense*; pediu a flor, queria a flor.

— Mas, se não há...

— Talvez haja, interveio Julião.

— Onde?

— Procurando-se.

— Crê que haja? perguntou Martinha.

— Pode haver.

— Sabe de alguma?

— Não, mas procurando-se... Deseja a flor para o baile de amanhã?

— Desejava.

Julião acordou no dia seguinte muito cedo; não foi à repartição e deitou-se a andar pelas chácaras dos arrabaldes. Da flor tinha apenas o nome e uma leve descrição. Percorreu mais de um arrabalde; ao meio-dia, urgido pela fome, almoçou rapidamente em uma casa de pasto.

Tornou a andar, a andar, a andar. Em algumas chácaras era mal recebido, em outras gastava tempo antes que viesse alguém, em outras os cães latiam-lhe às pernas. Mas o pobre namorado não perdia a esperança de achar a flor. Duas, três, quatro horas da tarde. Eram cinco horas quando em uma chácara do Andaraí Grande pôde achar a flor tão rara. Quis pagar dez, vinte ou trinta mil-réis por ela; mas a dona da casa, uma boa velha, que adivinhava amores a muitas léguas de distância, disse-lhe, rindo, que não custava nada.

— Vá, vá, leve o presente à moça, e seja feliz.

Martinha estava ainda a pentear-se quando Julião lhe levou a flor. Não lhe contou nada do que fizera, embora ela lho perguntasse. Martinha porém compreendeu que ele teria feito algum esforço, apertou-lhe muito a mão, e, à noite, dançou com ele uma valsa. No dia seguinte, guardou a flor, menos pelas circunstâncias do achado que pela raridade e beleza dela; e como era uma prenda de amor, meteu-a entre as cartas.

O rapaz, dentro de duas semanas, tornou a perder algumas esperanças que lhe haviam renascido. Martinha principiava o namoro do futuro comendador. Desesperado, Julião meteu-se para a roça, da roça para o sertão, e nunca mais houve notícia dele.

— Foi o único que deveras gostou de mim, suspirou agora Martinha, olhando para a pobre flor mirrada e anônima.

E, lembrando-se que podia estar casada com ele, feliz, considerada, com filhos — talvez avó — (foi a primeira ocasião em que admitiu esta graduação sem pejo) Martinha concluiu que a culpa era sua, toda sua; queimou todas as cartas e guardou a flor.

Quis pedir à tia que lhe pusesse a flor no caixão, sobre o seu cadáver; mas era romântico demais. A negrinha chegara à porta:

— Nhanhã, o almoço está na mesa!

---

Publicado originalmente em *Almanaque da Gazeta de Notícias,* 1897.
Extraído de Machado de Assis. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Nova Aguilar, v. II, 1994.

# Bons dias!

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup*, *post factum*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário fôr, que tôda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as idéias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembléia que correspondesse ao ato que acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! fico.

— ... Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho

dêste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Êle continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí pra cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe bêsta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas tôdas que êle recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes da abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a tôda a gente que dêle teve notícia; que êsse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar, (simples suposições) é então professor de filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu.

Boas noites.

---

Crônica publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, em 19 de maio de 1888.

Extraído de Machado de Assis. *Obra completa.* 3ª ed. Rio de Janeiro, José Aguilar, v. III, 1973, pp. 489-491.

Mantida ortografia do texto original.

# Cidadão exemplar

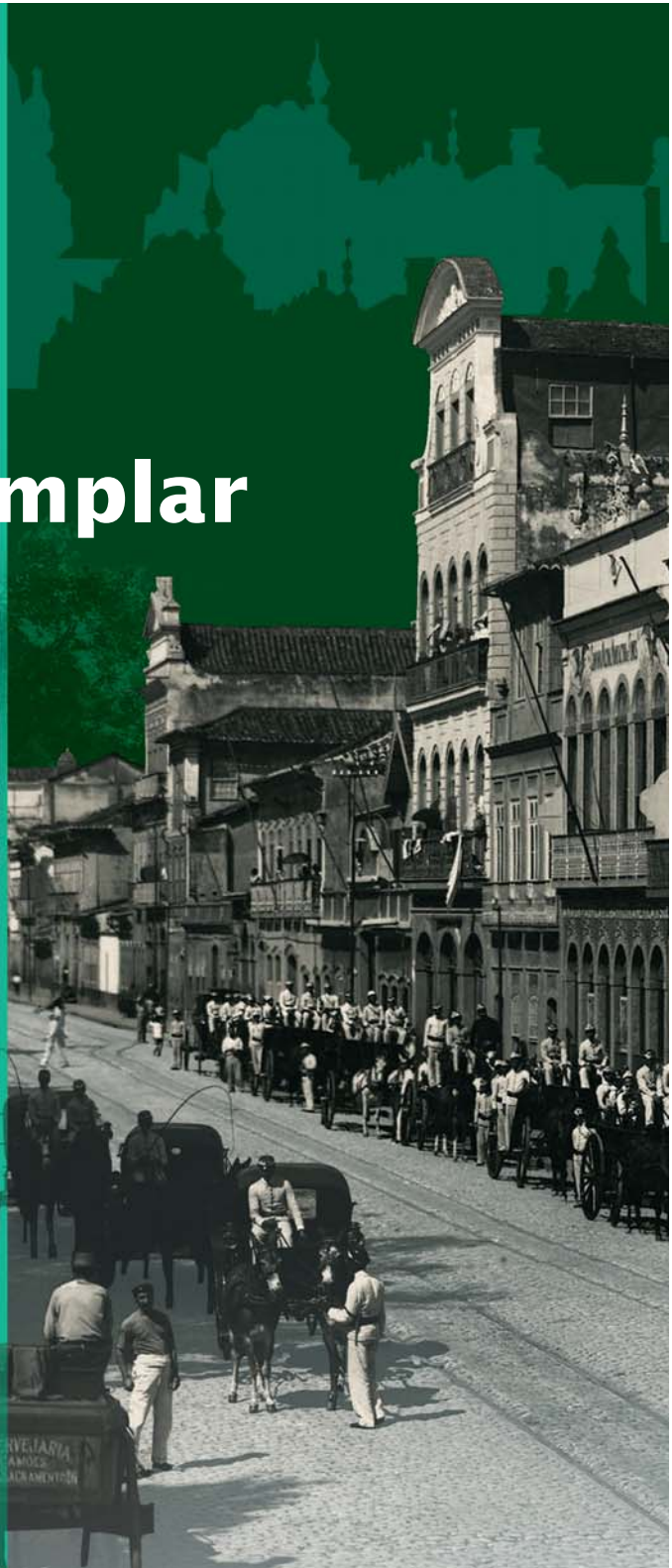
Marisa Lajolo

Machado de Assis – autor do texto transcrito nas páginas 14 e 15 desta revista – tinha, entre seus vários empregos, o de cronista de jornais cariocas. Ser cronista é um ofício pesado: com ou sem vontade de escrever, com ou sem assunto que inspire, lá tem o cronista de mandar, com regularidade, tantas e tantas linhas ao jornal que lhe paga.

As suadas linhas, um ou dois dias depois de entregues (ao tempo de Machado, coisas de imprensa eram bem mais lentas que hoje, tempo da internet), chegavam pelas páginas do jornal à casa do leitor e da leitora. É assim como futuro freqüentador semanal da casa de seus leitores que Machado se apresenta aos assinantes da *Gazeta de Notícias*, onde entre abril de 1888 e agosto de 1889 é responsável pela seção *Bons dias!*: [...] *chego à porta e meu primeiro cuidado é dar-lhes os bons dias cá virei uma vez por semana, com meu chapéu na mão e os bons dias na boca* [...].

Efetivamente, todas as suas colaborações para este jornal abrem-se saudando os leitores como, naquele tempo, se saudava um conhecido encontrado na rua: dizendo-lhe *Bons dias.* Continuando a simulação de diálogo com o anônimo leitor de jornal – ao qual era necessário seduzir – a colaboração machadiana se encerra, sempre, com a expressão oposta: *Boas noites*.

Esse é, pois, o cenário no qual, em 19 de maio de 1888, Machado de Assis publica o texto que esta revista reproduz e sobre o qual conversamos nestas mal traçadas. Quem sabe você gostaria de compartilhar texto e conversa com seus alunos?

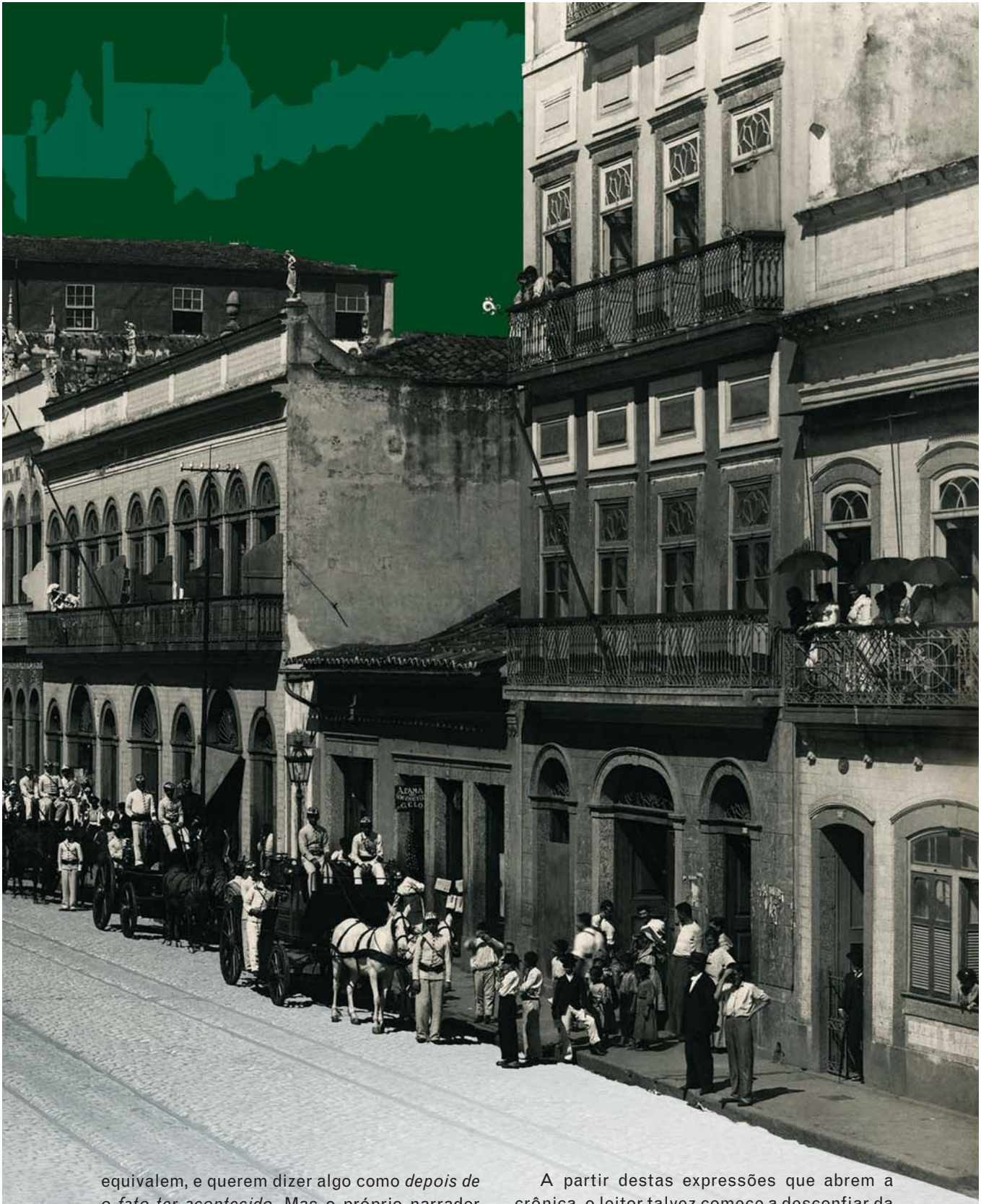


Em primeiro lugar, observo que o texto foi publicado em 19 de maio de 1888, seis dias depois da assinatura da Lei Áurea, Lei 3.353 de 13 de maio de 1888 pela qual É *declarada extinta desde a data desta Lei a escravidão no Brasil*.

Logo na primeira linha da crônica aparecem palavras estrangeiras: a expressão francesa *après coup* e a expressão latina *post factum* sugerem, à primeira vista, um público familiarizado com línguas estrangeiras, capaz de entender, portanto, que ambas as expressões se

---

Marisa Lajolo é professora convidada da Unicamp, atualmente professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. Entre outros livros, escreveu *A formação da leitura no Brasil* e *Como e por que ler o romance brasileiro*. É fã de carteirinha dos livros de Machado...



equivalem, e querem dizer algo como *depois de o fato ter acontecido*. Mas o próprio narrador *traduz* as expressões, e as traduz de uma forma meio rebaixada, substituindo-as pela frase vernácula *depois do gato morto*. Não se pode ler esta tradução como pista de que o narrador bem sabia que nem todo mundo arranhava francês ou latim? Esta impressão se fortalece quando, depois de usar francês, latim e traduzi-los, o narrador *ameaça* com uma expressão holandesa.

A partir destas expressões que abrem a crônica, o leitor talvez comece a desconfiar da *seriedade* do texto e talvez levante a hipótese – como eu levanto – de que toda crônica deve ser lida na chave da ironia. Afinal, de que valem profetas que são *profetas daquilo que já aconteceu*? Valem muito pouco, não é mesmo? Profetas devem predizer o futuro e não vaticinar o... passado!

Tudo isso sugere uma leitura nada ingênua deste cronista que parece estar se divertindo à

custa do costume de usar expressões estrangeiras para *parecer* mais sábio ou mais elegante. O procedimento reaparece no início do terceiro parágrafo, onde surge a expressão *coup du milieu*. O pesquisador John Gledson sugere que se trata de um equívoco: o certo seria *coupe de milieu* , expressão francesa que significa uma taça de bebida que se toma entre dois pratos em um jantar.

A história da crônica é simples: o que a torna sutil e sofisticada é o *tom* em que ela é narrada, sempre em primeira pessoa: um proprietário de escravos conta que, antes da Lei Áurea, já libertara um jovem escravo – o Pancrácio. Conta que lhe deu um salário, mas continuou a tratá-lo com violência. E conta, finalmente, que vai se utilizar desse seu gesto para fortalecer sua candidatura política, vendendo uma imagem de si como

1. O tempo todo, o narrador comporta-se de forma muito ambígua. O que aparentemente poderia representar um gesto de justiça – a libertação de um escravo – transforma-se em teatro, montagem para lustrar a imagem do narrador através de discursos e reuniões. Os cartões que recebe e o retrato que dele pintam sugerem que o gesto funcionou

2. O diálogo que ocorre entre o narrador e Pancrácio é assimétrico. É como se, ao longo da conversa, Pancrácio, simbolicamente, permanecesse na posição subalterna que assumira quando, na sala do banquete: *abraçara-se aos pés de seu* (ex?) senhor. Suas falas não respondem, apenas reforçam as falas do narrador. Nesta interpretação, a cena do diálogo corrobora o que para muitos historiadores ocorreu efetivamente depois da emancipação dos escravos: sem uma política de integração para eles – despreparados para qualquer trabalho que não o agrícola – muitos ex-escravos não tinham escolha exceto permanecerem trabalhando para seus ex-senhores.

3. A assimetria do diálogo sela-se na comparação da altura dos dois interlocutores. Quando o narrador diz que Pancrácio *está mais alto do que ele*, Pancrácio, num português que atropela consoantes, responde que *Artura não qué dizê nada, não, senhô*. Qualquer ameaça física que o tamanho de Pancrácio representasse para seu (ex)-senhor se dissipa. Aliás, o desenrolar do texto mostra que a violência ocorre na direção oposta.

4. O salário prometido a Pancrácio é o símbolo de seu novo *status* de homem livre, trabalhador assalariado. Ao longo de suas falas, a fixação do salário de Pancrácio é sinuosa: ao anunciar pagamento, o narrador fala em *pequeno ordenado*, logo depois quantificado em *uns seis mil-réis* a serem aumentados no final do ano se Pancrácio *andar bem* para *oito ou sete mil-réis*. As oscilações do narrador, a

alguém que não apenas obedece à lei, mas se antecipa a ela.

Leitores de hoje talvez se sorriam algo melancolicamente da história. E, quanto mais sensível a questões de integração racial no Brasil for o leitor, mais melancólico e amargo será seu sorriso. Ou será que não? Eu acho que sim, e peço licença a meu leitor para argumentar a favor deste meu ponto de vista, no quadro em destaque.

relutância em fixar um salário para o ex-escravo parecem encenar a difícil negociação com os antigos senhores e novos patrões a que se expunham escravos libertos.

5. Para termos uma idéia de valor de compra de salário prometido a Pancrácio (*seis mil-réis*), vejamos o preço de alguns produtos em 1888: litro de sal: 40 réis; quilo de açúcar refinado: 260 a 360 réis; quilo de café: 800 réis; aluguel mensal de casa de quatro cômodos: 35 mil-réis.

6. A transformação de Pancrácio de escravo em empregado não impede a violência de que é vítima. O narrador menciona *peteleco*, *pontapés,* e *puxões de orelha* como corretivos aplicados por ele a Pancrácio e – de seu ponto de vista – por este aceitos com humildade e *alegria*. Se a interpretação do narrador for adequada, por que o pedido de perdão a Deus (*Deus me perdoe!*)?

7. A última informação que o narrador nos fornece de seu ex-escravo é que Pancrácio, *tendo aprendido a ler, escrever e contar (simples suposição) é então professor de filosofia no Rio das Cobras.* Como se vê, não se trata exatamente de uma informação, mas de uma *suposição*. Cabe aos leitores questionar: por que o narrador faria tal suposição?

8. Na minha leitura, esta suposição do narrador é mais uma ironia da série de ironias com que Machado de Assis – autor da crônica e, portanto, inventor do narrador dela – retrata o *clima político brasileiro* dos arredores da Abolição. O cinismo do narrador abrange também o mundo intelectual, letrados, professores, escola: que chances teria uma pessoa como Pancrácio de vir a ser professor de filosofia? E que imagem do ensino brasileiro se constrói se alguém que apenas aprendeu *a ler, escrever e contar* se transforma em professor de filosofia?

Nesta interpretação, a história que o texto narra – a cena da libertação de Pancrácio, seus antecedentes e seus desenvolvimentos – combina muito bem com o tom – cínico e debochado – com que o narrador a conta. Ou seja: o autor desta crônica, ao tratar de um assunto contemporâneo – obviamente abolição era a ordem do dia da imprensa brasileira de maio de 1888 – vale-se das mesmas armas que o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de *Quincas Borba* e de *Dom Casmurro* se vale para contar histórias mais restritas ao mundo dos brancos bem-nascidos na vida, ainda que aqui e ali, nestes romances, também repontem cenas de escravidão.

Ou seja: se nos lembrarmos de que Machado de Assis nasceu mulato num morro carioca podemos – a partir desta crônica – reformatar o juízo que fazemos dele. Além de ser um grande escritor brasileiro, como se vem dizendo dele há tanto tempo, ele é um grande escritor brasileiro negro.

E, conhecendo melhor e apresentando a seus alunos este *novo* Machado de Assis, a escola brasileira – 120 anos depois da Abolição – talvez possa comemorar, de forma crítica e corajosa, o centenário da morte de Machado de Assis e o bicentenário do estabelecimento da Imprensa: pois foi pela imprensa – isto é, através de livros, jornais e revistas – que o escritor deu seu recado, não é mesmo?

# Muito prazer, Machado de Assis

Para a professora Sílvia Quintanilha Macedo, que me deu os "motivos" deste breve comentário.

Jorge Miguel Marinho

> "*Ninguém escreve para si, a não ser um monstro de orgulho. A gente escreve para ser amado, para atrair, para encantar.*"
>
> Mário de Andrade

Não é nada fácil escrever sobre Machado de Assis nesta revista que, comemorando o centenário de morte do estimado autor, quer antes de tudo aproximar a sua obra do leitor.

É claro que importa e muito dizer, aos leitores menos iniciados, que Machado é considerado o ficcionista mais expressivo da prosa realista da literatura brasileira. Ou que ele talvez seja o primeiro escritor brasileiro a conquistar um sentido universal quando trata das contradições da natureza humana. Ou ainda que os seus livros da maturidade sustentam seguramente uma interpretação filosófica do mundo. Ou até que Machado é o escritor mais importante de toda a literatura brasileira. Ou mais ainda que Capitu, a heroína de *Dom Casmurro*, é a personagem mais enigmática de nossas letras – ou que o autor-defunto ou o defunto-autor, Brás Cubas, que depois de morto resolve contar a sua vida em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, problematiza as convenções da prosa realista com o chamado realismo fantástico — ou que o conto "O alienista", em que o personagem Dr. Simão Bacamarte interna quatro quintos da população de Itaguaí num manicômio, é talvez a reflexão mais irônica e implacável dos limites da razão e da loucura.

Todas essas observações telegráficas, colhidas ao acaso nos estudos sobre Machado de Assis, podem funcionar como isca de leitura ou aguçar a curiosidade, mas podem também se oferecer como considerações que atribuem à obra um mérito indiscutível e sejam capazes de forjar uma leitura "preconcebida", neutralizando a relação sempre imprevisível entre texto e leitor.

Talvez essas palavras pareçam "idéias fora do lugar", mas não são. Tem muita gente nas nossas escolas que, intimidada pela "palavra de ordem" que consagra com unanimidade o autor, diz que gosta de ler Machado, sem ter lido ou não ter lido bem.

Por tais razões o que importa aqui é convidar o leitor a ler e reler Machado de Assis como quem percorre um território sempre virgem, lendo seus poemas, crônicas, contos, romances, peças de teatro e outros sempre com olhos de primeira vez. Até porque a dimensão profundamente universal da sua obra, que mesmo nas crônicas "coloca sempre em primeiro plano a pessoa humana, suas incertezas, esperanças e contradições" – como diz o professor Antonio Candido –, se oferece como matéria de vida para ser interpretada e reinterpretada em qualquer época e em qualquer lugar. Aliás, vem daí a permanente atualidade da obra de Machado de Assis.

É claro que Machado, como todo escritor, escreveu "também" para ser amado – daí a razão da epígrafe lá em cima de Mário de Andrade –, mas desde que o leitor dialogasse com sua obra como ele mesmo propunha, imperativo, nos próprios expedientes da ficção. Machado em diversas das suas narrativas, problematizando a própria arte ou simplesmente implodindo a força ilusionária da ficção, conversava olho no olho com o leitor. Apenas a título de ilustração, veja como o narrador Brás Cubas sacode o leitor mostrando que a realidade de fato é o livro que ele tem nas mãos:

> "*Ao leitor*
>
> *Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil prever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual. [...] A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se não te agradar, pago-te com um piparote, e adeus.*
>
> *Brás Cubas*"

Este é o Machado de Assis e é difícil demais não gostar dele, desde os primeiros romances que, seguindo as convenções da narrativa algo romântica, tratavam de amores contrariados, casamentos por interesse, insinuações de afetos proibidos, pais desconhecidos, desenlaces meio satisfeitos com a própria solidão, até e sobretudo os romances da maturidade que escavam o extraordinário de situações bastante comuns, como é o caso de um professor mineiro chamado Rubião, que recebe de um filósofo maluco, Quincas Borba, toda a sua fortuna com

vida humanas em seus escritos. A origem do apelido é o belo e intrigante poema de Carlos Drummond de Andrade "A um bruxo, com amor", escrito nos anos 1950, cheio de alusões à obra e à figura do escritor que tantos enigmas provocou no poeta mineiro.

E para ajudar a desvendar esse escritor e sua obra convidamos especialistas que iluminaram, em artigos e entrevistas, caminhos a percorrer em Machado. A professora Marisa Lajolo, da Unicamp, consultora desta edição especial, ajuda a decifrar linhas e entrelinhas de uma crônica escrita na época da abolição da escravatura.

Três outros especialistas, numa entrevista, abordam aspectos diferentes da obra e do escritor. São eles os professores Eduardo de Assis Duarte, da UFMG; Hélio de Seixas Guimarães, da USP; e Domício Proença, da Academia Brasileira de Letras.

Trazemos ainda o escritor Jorge Miguel Marinho, que traça um perfil amoroso de Dona Carolina, esposa de Machado de Assis, e apresenta algumas obras e personagens criadas pelo autor. Além da crônica, oferecemos um conto revelador da engenhosidade e da delicadeza do escritor.

Para os já íntimos de Machado, esperamos instigar releituras; para os que ainda não tiveram a oportunidade de dialogar com seus escritos, torcemos para que esta revista provoque um grande amor à primeira leitura.

## Sumário

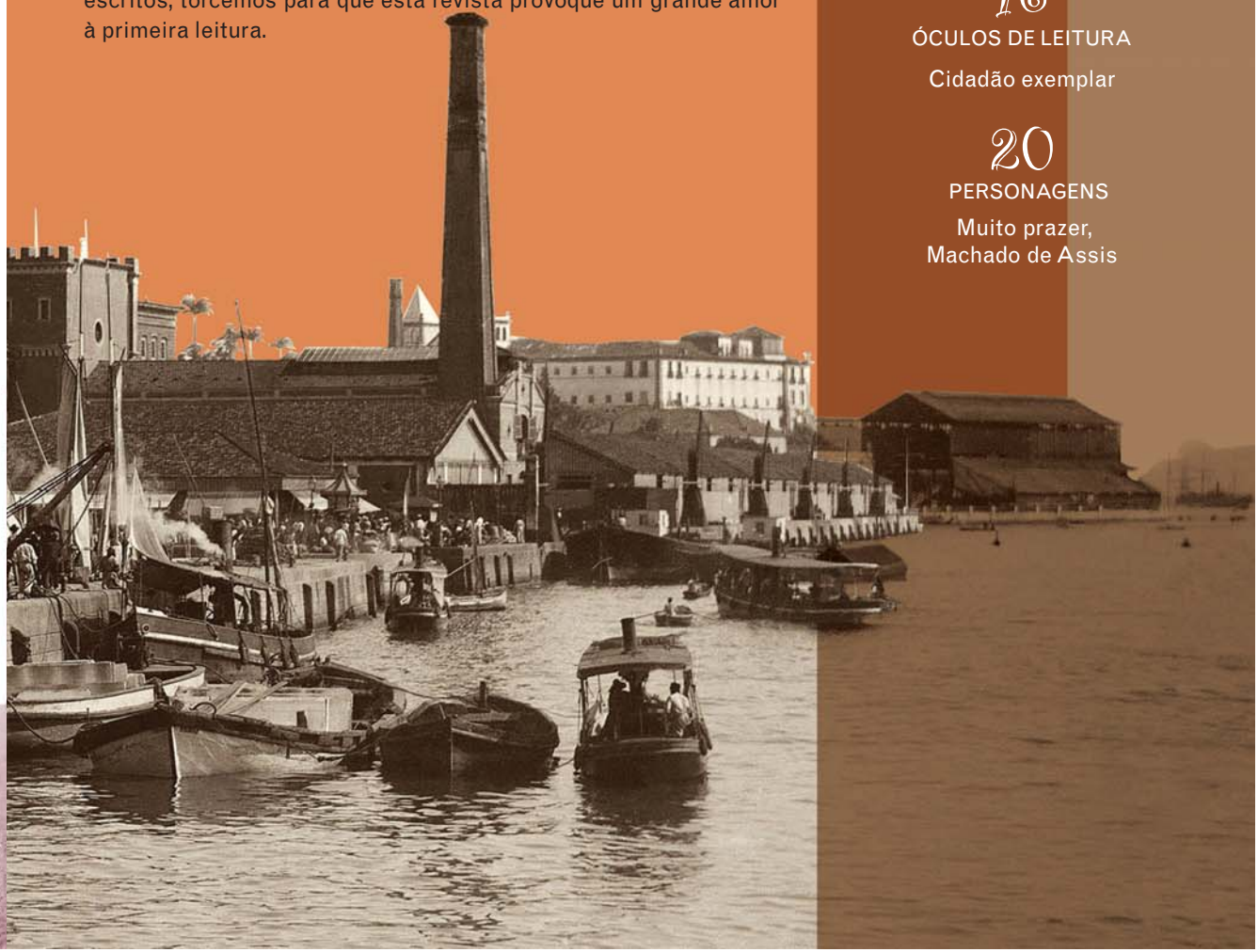

2
ENTREVISTA
A obra, o escritor e seus leitores

5
PERFIL
Dona Carolina

6
LINHA DOTEMPO
O século de Machado de Assis

10
CONTO
Flor Anônima

14
CRÔNICA
Bons dias!

16
ÓCULOS DE LEITURA
Cidadão exemplar

20
PERSONAGENS
Muito prazer, Machado de Assis